

O DIÁRIO ÍNTIMO E O DISCURSO INSURGENTE DE LIMA BARRETO

Maria do Socorro Barbosa de Miranda (UFBA)¹

RESUMO: Neste artigo, analisamos o *Diário íntimo*, de Lima Barreto, a partir de algumas notas, as quais se constituem espaços de produção de sentidos que nos permitem recolocar a obra do romancista na contemporaneidade e flagrar a constituição de um discurso insurgente. As notas são atravessadas por dilemas e tensões cruciais, que revelam as fraturas de um país ainda fortemente marcado pelo regime escravocrata. Nesse contexto, observa-se a exclusão do negro não só do espaço social, mas também do espaço literário, fato que torna a obra de Lima Barreto um modo de resistência ao silenciamento e à invisibilização impostos. Partimos dos estudos de Edimilson Pereira, Eduardo de Assis Duarte, Regina Dalcastagnè, dentre outros.

Palavras-chave: *Diário íntimo*; Discurso; Insurgente; Lima Barreto.

Em seu livro *Entre orfe(x) e exunouveau*, Edimilson de Almeida Pereira (2017) realiza uma importante investigação sobre as relações entre as matrizes estéticas afrodescendentes e os cenários históricos e sociais, observando a coexistência, na sociedade brasileira, de uma aceitação e de uma recusa das heranças afrodiáspóricas. Além de atribuir esse viés contraditório da sociedade brasileira a alguns dos males que a fundamentam desde a sua origem – escravismo, patriarcalismo e discriminação racial –, Pereira ainda observa que tal viés é responsável pelo “ocultamento”, se assim podemos afirmar, de várias produções culturais afrodescendentes, instigantes e inovadoras, que instauram uma nova ordem discursiva “(...) por estimularem a superação de barreiras étnicas, políticas e ideológicas (...)”, bem como “(...) por apontarem o diálogo entre as diferenças como um agenciador de discursos e práticas inclusivas (...)” (PEREIRA, 2017, p. 9).

As investigações de Edimilson de Almeida Pereira nos interessam, de forma mais ampla, por se ocuparem das questões que giram em torno do debate afrodescendência e sociedade brasileira. A obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, objeto de nossas análises, será atravessada por esse debate e nela podemos observar o delineamento de um discurso insurgente, engenhosamente arquitetado, que dá conta de uma maneira peculiar de ver e de interpretar o mundo e a sociedade brasileira.

Neste artigo, realizamos uma breve incursão pelo *Diário íntimo*, de Lima Barreto, recortando algumas notas que atendem ao nosso interesse investigativo, sem nos

¹ Mestre em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS) e Doutoranda em Literatura e Cultura (UFBA). Contato: socorromiranda@gmail.com

atermos a critérios cronológicos na seleção dos registros a serem analisados. Concebemos o *Diário íntimo* como espaço de produção de sentidos que revela as fraturas de um país ainda fortemente marcado pelo regime escravocrata. Optamos pelo trabalho com um campo de conhecimento que, a nosso ver, contribui para a emergência do ponto de vista subalterno e para a visibilização dos excluídos dos processos não só históricos, mas também literários, possibilitando a formulação de imagens capazes de deslocar os sentidos cristalizados ao longo da historiografia literária brasileira.

As notas do *Diário íntimo* são atravessadas por dilemas e tensões cruciais, que revelam as fraturas de um país ainda fortemente marcado pelo regime escravocrata. O escritor seleciona e aborda temas que se convertem em firmes denúncias aos mecanismos de agressão às populações marginalizadas e à herança cultural afrodescendente. Nesse sentido, os registros nos permitem recolocar a obra do romancista no cenário contemporâneo e flagrar a constituição de um discurso insurgente, que atua no sentido de deslocar “verdades” e saberes historicamente construídos com base em preceitos de exclusão social.

O velho preto: entre silêncios e esquecimentos

O clássico modo de ler, interpretar e mesmo definir a sociedade brasileira, com base no par “contraste/síntese”, é retomado por Edimilson de Almeida Pereira, não escapando à percepção arguta do crítico o fato de que esse modelo vincula-se a uma perspectiva hegemônica que excluiu/exclui os elementos indígenas, africanos e afrodescendentes, instituintes da sociedade brasileira.

O recorte de leitura que ora realizamos busca apresentar, ainda que precariamente, o ponto de vista de um segmento social excluído, o qual ganha espaço nas páginas do *Diário íntimo* e traz à tona o mal-estar e as contradições de um país atravessado pela desigualdade social e pela exclusão étnica, ao tempo em que também se apresenta como uma modalidade discursiva diversa da lógica do contraste/síntese. Se muitos autores da literatura brasileira se respaldaram nesse paradigma de interpretação, ao produzirem suas obras, buscando resolver os dilemas do país pela harmonização dos contrastes, não se pode dizer o mesmo de Lima Barreto, em cuja obra o escritor expõe as fraturas e as contradições do Brasil, a partir de um discurso insurgente que entra em conflito com a mentalidade discriminatória e preconceituosa instituída no país desde as suas bases.

Partimos de um registro que parece fazer parte de um dos tantos planos ficcionais arquitetados por Lima Barreto para a elaboração de futura obra. Trata-se de “Marco Aurélio e seus irmãos”, texto que, aparecendo não datado, acha-se, contudo, entre o bloco das anotações correspondentes ao ano de 1904. A nota em questão apresenta fortes indícios de lirismo e melancolia, elementos da subjetividade que só num primeiro momento poderiam nos remeter a um discurso centrado exclusivamente no eu, livre daquele traço tão peculiar à obra de Lima Barreto, qual seja: a insurgência e a denúncia dos males histórico-sociais.

Já no primeiro parágrafo da narrativa reaparece o personagem Tito (denominado também Marco Aurélio), nome que designa o protagonista de um outro esboço de romance que encontramos nas páginas iniciais do *Diário íntimo*. As tintas líricas com que são descritos o ambiente e a atmosfera matinal na qual está imerso Tito dão ao texto uma beleza ímpar e como que preparam o terreno discursivo para a apresentação do velho preto que há quinze anos servia o narrador “(...) com a mesma regularidade e com aquela larga e doce simpatia, que só se encontra nessas almas selvagens dos velhos negros, onde o cativoiro paradoxalmente depositou amor e bondade (...)” (BARRETO, 1956, p. 65).

A expressão “almas selvagens” e o contraste “cativoiro” versus “amor e bondade”, presentes na passagem que citamos, podem soar estranhos a um escritor como Lima Barreto, conhecido largamente pelo tom combativo de sua obra. No entanto, é necessário considerarmos aqui duas questões: a primeira trata-se de que o escritor não está livre de contradições, pois tem a sua formação enraizada dentro da mesma sociedade que o exclui; em segundo lugar, não podemos deixar de perceber que o narrador protagonista, emissor do discurso, é também um sujeito excluído socialmente, realidade que o aproxima do velho preto (que sequer tem nome!) e que torna similares as suas trajetórias e perspectivas. Desse modo, a expressão e o contraste que estão presentes em seu discurso não podem simplesmente ser associados a uma visão discriminatória ou à reação pacífica do negro perante o jugo da escravidão.

Ainda que o tom do discurso em “Marco Aurélio e seus irmãos” não seja incisivo, conforme verificamos na maioria das notas do *Diário íntimo*, o esboço de romance não deixa de apontar um modo peculiar de observar o mundo e de se posicionar perante ele, manifestando a consciência que Lima Barreto tinha dos males sociais e os

questionamentos do escritor ao poder hegemônico, bem como a sua forma de resistir por meio da obra que produz.

Se a literatura é um campo onde se travam lutas e disputas, a obra de Lima Barreto é, nesse sentido, um modo particular de dizer a si mesmo e ao mundo e, por consequência, um espaço de afirmação tanto da própria subjetividade quanto de uma realidade desconhecida, de um outro Brasil. Assim é que em “Marco Aurélio e seus irmãos” entramos em contato com a trajetória histórica do velho preto através da sensibilidade e das reminiscências do narrador.

(...) Enquanto o café esfriava na mesa de cabeceira, Marco Aurélio pôs-se a remontar o destino daquele pobre homem, que o servia e o amava desde quase o nascer. Viu-o criança, muito negro, retinto, feio, entre os braços da mãe na cubata natal, crescendo ao forte sol da África, aquele sol que fecunda e que mata, para onde se alçam as altas palmeiras num ardor de paixão insuperável. Viu-o, depois, crescido, aos sete anos, já tangado, aprendendo a usar as armas da tribo e ensaiando-se nas culturas elementares da sua rudimentar agricultura. Depois, e em seguida, eram as festas, aquelas danças em que o apelo à divindade se faz com esboços de representações de atos amorosos, presididas por aqueles fantásticos feiticeiros. Um dia... Como foi? Quem o saberia? Um encontro, um ataque às cubatas, lá vinha ele, infante ainda, ao sol forte do triste continente, entre um rebanho de irmãos, jungiam aos dois, da corrente, carregando volumes, a descer até o negreiro que os trouxesse às plantações da América (...) (BARRETO, 1956, 65-66).

As lembranças do narrador são carregadas de uma comoção e de uma sensibilidade que parecem aproximar, num mesmo elo de identificação, Marco Aurélio e o velho preto, não obstante a posição diferenciada que ambos ocupam no plano social. O ato de rememorar, não a própria história, mas “(...) o destino daquele pobre homem, que o servia e o amava desde quase o nascer (...)”, abre espaço à imaginação do narrador, que transita pelas várias etapas da vida do velho preto, como que buscando entender o atroz destino que o teria lançado em terras americanas. As indagações do narrador — “Como foi? Quem o saberia?”, ao mesmo tempo em que marcam uma dúvida em relação à narrativa oficial sobre o processo de escravização dos negros, questionam também o processo de invisibilização destes e apontam para a necessidade de uma narrativa que registre os fatos a partir da perspectiva do próprio escravizado.

Em “Marco Aurélio e seus irmãos”, o exercício literário é permeado pelo lirismo, algo que desconstrói um modo de conceber a obra de Lima Barreto como ressentida e

desprovida de sensibilidade estética. Essa mesma dimensão lírica da narrativa traz para o primeiro plano a trajetória dos “esquecidos da história”, tornando a produção literária do escritor não só espaço de expressão, mas também espaço a partir do qual se pode visibilizar e legitimar o discurso subalterno.

A presença silenciosa do velho preto, o qual não emite uma palavra ao longo da narrativa e cujo percurso de vida somente nos chega por meio do discurso indireto livre do protagonista, é, contudo, perturbadora e incômoda, abrindo a possibilidade para o leitor pensar sobre os fragmentos de uma história soterrada e sobre os processos que atuam como agentes de ocultamento dessa mesma história e das perspectivas dos sujeitos a ela relacionados. Dito de outra forma, o silêncio do velho preto no esboço de romance e, mesmo, do narrador, o qual se perde em divagações sem estruturar qualquer diálogo, é sintoma das forças sociais opressoras, que agem sobre os marginalizados, impondo a estes o silenciamento.

O narrador-protagonista, Marco Aurélio, em seus inquietantes questionamentos e divagações sobre o triste destino do velho preto, ao fim dos quais chega sem qualquer resposta, traz para o debate a problemática do trabalho escravo no Brasil:

E desde oito anos até hoje, durante mais de cinquenta, ele tinha trabalhado de sol a sol; e agora, agora que nem talvez uma década lhe restava de vida, que consolo tinha ele? Filhos? Mulher? Fortuna? Terra? Sete palmos onde enterrasse aquela sua carne, pois o seu sangue há muito que a ensopava. Nada! E ele então começou a perguntar-se por que estranhas leis aquela humilde vida tivera que atravessar léguas e léguas, desertos e oceanos, para vir acabar aqui tão tristemente, depois de encher um semisséculo de trabalho. Havia mesmo leis que se servissem da cupidez e da perversidade humana para tal fazer, ou era o Acaso, só o Acaso? (BARRETO, 1956, p. 66).

O autor inscreve no espaço de sua narrativa a história de exclusão dos negros, bem como daqueles que, mesmo “livres”, padecem as humilhações e injustiças que vigoram na sociedade do período pós-abolição. Depois de aludir à monstruosidade da escravidão e às duras condições de trabalho instituídas pelo regime, o protagonista passa a considerar o seu contexto presente, em que também é submetido a um trabalho doloroso e amargo, como a sugerir o prolongamento e a permanência dos males histórico-sociais e do sistema escravocrata.

Um sino tocou. Era o sino da velha igreja conventual, onde se instalara o asilo. Ele lembrou-se, então, do seu serviço, aquele obscuro

serviço de escriturário, sempre doloroso, sempre amargo, sempre humilhado, mais que isso; ali, entre dois médicos, não sei quantos internos, todos doutores e senhorias, mais amargo e mais doloroso se tornava (BARRETO, 1956, p. 66).

Verificamos um elo de identificação nas trajetórias de Marco Aurélio e de seu criado, algo que explica, de certo modo, o olhar empático que atravessa toda a narrativa. Nesse caso, olhar para a história do velho preto significa não somente a busca de entendimento do outro, mas implica também a busca de compreensão de si mesmo, já que a história do narrador parece ser o prolongamento da história sofrida do homem que o servia. Podemos mesmo afirmar que os percursos de ambos os personagens se aproximam das experiências vividas pelo próprio Lima Barreto. O romancista encetou uma luta por legitimação não somente do seu discurso, mas também das vozes não autorizadas de sujeitos excluídos socialmente. Estes passam a figurar no espaço da literatura barretiana e suas perspectivas se esboçam como contrapontos ao pensamento social hegemônico, viabilizando a discussão de realidades relegadas ao esquecimento durante séculos de exclusão.

Macacos, néscios e burlescos

A propósito de “Marco Aurélio e seus irmãos”, Lilia Moritz Schwarcz observou na narrativa uma espécie de “(...) abolicionismo confinado aos ‘bons valores’ e à luta pacífica pela liberdade (...)” (SCHWARCZ, 2017, p. 154), sugerindo que o Lima Barreto do início do século XX, ainda muito jovem e em processo de descoberta de sua “origem” e dos problemas sociais a ela relacionados, não seria tão aguerrido na abordagem do tema que cercava as lutas contra o fim da escravidão. Não há dúvida de que Lima Barreto, com o passar do tempo, vai amadurecendo e progredindo na compreensão de que múltiplas formas de violência assolavam o Brasil, cujas vítimas eram, em primeiro lugar, os grupos afrodescendentes. Contudo, não acreditamos seja a obra do escritor veículo de difusão de um comportamento pacífico dos escravizados perante o regime, mesmo considerando os textos produzidos no limiar do século, tendo em vista que desde cedo Lima Barreto sofreu na pele a dor da exclusão e sabia exatamente o que significava ser negro e pobre no contexto social da Primeira República, enraizado na herança escravocrata. O escritor deixa inscrita a força dessa violência numa das notas tomadas no ano de 1908:

Hoje, à noite, recebi um cartão-postal. Há nele um macaco com uma alusão a mim e, embaixo, com falta de sintaxe, há o seguinte: ‘Néscios e burlescos *serão* aqueles que *procuram* acercar-se de prerrogativas que não *tem*. M’ (BARRETO, 1956, p. 88. Grifos do autor).

A citação, embora breve, mobiliza uma série de problemas que remonta às lutas e enfrentamentos travados no âmbito de um contexto marcado pela herança colonial. No momento em que Lima Barreto assume uma autoria negra, ousando sair do seu “devido lugar”, como diria Regina Dalcastagnè, e avançando sobre um campo que supostamente não seria o seu (o campo literário), a violência, aparentemente apaziguada, manifesta-se com toda a sua força, atuando principalmente em dois sentidos: primeiro, travestindo-se de comparações as mais grotescas para negar o atributo de humanidade ao escritor negro, excluindo-o socialmente; segundo, minimizando o potencial do escritor, acusando-o sob a pecha de “néscio” e “burlesco”, para invalidar a sua obra.

A nota tomada por Lima Barreto flagra e denuncia a discriminação racial produzida no âmago dos processos de dominação. As barreiras impostas ao exercício do escritor negro e, de modo particular, à atividade literária do romancista carioca, levam-no a travar uma verdadeira batalha pela inserção social e pela legitimação tanto de si quanto de sua obra, à maneira do que ocorreu com os poetas negros que marcaram o início da Negritude literária. Estes, conforme Edimilson de Almeida Pereira, “(...) viram-se instigados a trabalhar em duas frentes, ao mesmo tempo: a político-social e a literária (...)” (PEREIRA, 2017, p. 24) num esforço por inserir-se tanto na vida político-social, que “(...) estava ligada à necessidade de reconhecer o seu caráter humano, menos como um favor que se lhes fazia, mas, sobretudo, como um direito que é devido a todos os seres humanos (...)”, quanto pela inserção de sua textualidade no espaço literário europeu, que “(...) impunha-lhes a tarefa de provar a ‘qualidade literária’ de suas obras, seja porque abordavam temas e sonoridades distintas do cânone ocidental, seja porque interferiam no idioma do colonizador para representar as vivências de suas respectivas coletividades (...)” (PEREIRA, 2017, p. 25).

Lima Barreto se inscreve, portanto, nessa mesma trajetória dos poetas negros, trazendo para o campo literário a sua experiência existencial e estética. Nessa empreitada, enfrentou inúmeros desafios e, assim como os referidos poetas, teve que “(...) provar que o negro era um ser humano, em seguida que o homem negro poderia ser o criador de uma expressão estética e, por fim, que a textualidade produzida pelo

homem negro constituía uma obra literária (...)” (PEREIRA, 2017, p. 26). A mentalidade discriminatória que rege a comunicação veiculada no cartão postal recebido por Lima Barreto remonta a essa tríplice negação do homem negro, qual seja: de sua humanidade, do seu ser criador e de sua obra.

Ao lançarmos um olhar para esses desafios, é inevitável não pensar em termos comparativos com o presente. O cotejo entre as experiências vividas pelo escritor negro Lima Barreto na transição dos séculos XIX e XX e as vivências de escritores negros no âmbito da contemporaneidade nos leva a constatar que, separados no tempo por mais de um século, ainda vigoram, na sociedade atual, esdrúxulas tentativas de exclusão do homem negro dos espaços social e literário, seja como autor, seja como personagem/protagonista². Não foram poucos os movimentos de resistência levados a cabo por homens e mulheres negros, bem como as conquistas que suas lutas e reivindicações viabilizaram. Contudo, temos consciência de que há um embate desigual, travado contra uma estrutura colonial eurocêntrica, fundamentada no domínio e na exclusão social ao longo de séculos. Daí porque ainda se verifica no presente uma mentalidade enrijecida e pouco habituada a pensar o campo literário como sendo espaço natural de atuação dos negros. A presença destes como protagonistas nesse campo (e em outros “lugares indevidos”) continua provocando estranhamento e desconforto, no meio acadêmico e fora dele.

Como atesta Regina Dalcastagnè, essas vozes marginalizadas, situadas nas periferias da literatura e permanentemente submetidas a questionamentos quanto a sua legitimidade, tensionam e viabilizam um novo entendimento do literário, preservando o significado do texto e da própria crítica literária, o qual “(...) se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto (...)” (DALCASTAGNÈ, 2018). Nessa perspectiva, deixar em aberto o campo da literatura é, por assim dizer, estabelecê-lo como direito de todos e permitir que dele continuem brotando discursos desestabilizadores e insurgentes, num processo de permanente construção/desconstrução e leitura/releitura. Acreditamos seja esta uma das missões

² Regina Dalcastagnè realiza importantes investigações, nas quais constata que o campo literário brasileiro ainda é bastante homogêneo e que os autores e personagens do romance contemporâneo brasileiro são, predominantemente, homens e brancos. Cf. DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012.

assumidas por Lima Barreto no seu breve, mas intenso, percurso, como homem e como escritor.

Conclusão

Eduardo de Assis Duarte, em artigo sobre literatura e afrodescendência, constata que, ao percorremos os caminhos de nossa historiografia literária, verificamos “(...) a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social (...)” (DUARTE, 2018). O autor menciona vários impedimentos colocados ao exercício do escritor negro, um dos quais se relaciona com os processos de divulgação e publicação dos livros.

No *Diário íntimo*, de Lima Barreto, verificamos a constituição de um discurso que se insurge contra essas tentativas de invisibilização do negro, buscando trazer para o âmbito da obra literária a perspectiva e as demandas dos grupos sociais relegados historicamente ao esquecimento pelo cânone cultural hegemônico. A esse propósito, podemos mencionar um acontecimento descrito no *Diário íntimo*, no final da nota que aparece datada de 10 de janeiro de 1905, em que o narrador denuncia o sistema excludente e a política de favorecimentos instalados no cenário republicano brasileiro, em princípios do século XX.

(...) o Belo, primeiro oficial, que foi do gabinete do Benjamim, contou-me que a nomeação do Hemetério (é um negro), para professor do Colégio Militar, foi sustada na gaveta por ordem do Lauro Sodré, que sempre lhe recomendava ao ele ir lhe pedir para expedir, que esperasse, que esperasse.

É singular que, fazendo eles a República, ela não a fosse de tal forma liberal, que pudesse dar um lugar de professor a um negro.

É singular essa República (BARRETO, 1956, p. 82).

O parêntesis aberto pelo narrador constitui um alerta ao leitor para indicar que o engavetamento da nomeação do personagem não é mera obra do acaso, mas sustenta-se no racismo arraigado na sociedade brasileira, que orienta os processos de seleção, privilegiando uns e excluindo outros. As marcas discursivas do texto subvertem a propaganda republicana, evidenciando a luta empreendida contra o negro no contexto de um regime que, pretensamente, estaria livre dos males do passado. Nesse sentido, o narrador põe em xeque a estrutura colonial que embasa as relações travadas no âmbito do Brasil, impedindo a inserção social dos grupos marginalizados, bem como ocultando

suas formas de expressão, o que fará o narrador concluir, entre indignado e irônico: “É singular essa República”.

O fragmento diarístico citado ainda nos ajuda a relacionar a corrupção que está implicada no ato de nomeação de Hemetério para professor do Colégio Militar com o problema do trabalho escravo no Brasil e a conseqüente redução do escravizado a força de trabalho braçal, tema caro a Lima Barreto. Numa sociedade racista, o negro é excluído de qualquer atividade associada ao pensamento e reduzido a força de trabalho braçal, tendo a sua cidadania sequestrada.

As notas do *Diário íntimo* são marcadas por um tom dissonante e insurgente. Os registros atuam em, pelo menos, dois sentidos: denunciam as forças opressoras que agem sobre o cotidiano das populações marginalizadas e reagem ao silenciamento imposto por um passado histórico de escravização e preconceito, o qual reduz e obscurece a presença do negro nos quadros da literatura brasileira canônica.

Referências

BARRETO, Lima. **Diário íntimo** – memórias. Organização Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/numeros/numero-2-automne-2012/>. Acesso em: 4 jun. 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia>. Acesso em: 30 mai. 2018.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Entre Orfe(x)u e Exunouveau**. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.